

Editorial

A presente edição abre-se com um suplemento ao dossiê “Aspects sémiotiques du changement” aqui publicado em 2023, seguido por uma série de secções do-ravante familiares aos nossos leitores.

Problemática da mudança e problemática do sentido são estreitamente ligadas. A emergência do sentido depende efetivamente de dispositivos sintáticos que se traduzem usualmente por descontinuidades perceptíveis no tempo e/ou no espaço, ou seja por “mudanças” na superfície : outras tantas manifestações do princípio fundador de toda significação, a saber o princípio de diferença. Grande parte do dossiê publicado há dois anos tendo sido dedicada à descrição de casos particulares deste gênero, a ambição do presente suplemento é de re-tornar à noção mesma de mudança. Para tal, os autores se referem, desta vez, a vastos campos — científico (G. Longo), filosófico (J.-P. Petitimbert), histórico (F. Sedda), político (J. Fontanille), semiolinguístico (R. Nicolaï), musical (S. Smith). Ao estudar os diversos modos como a mudança é pensada nestas distintas áreas, cada um dos autores abre uma via de indagação própria. Dada essa diversidade, o projeto de construir uma base conceitual comum mantém-se aberto.

A esses desenvolvimentos sucede um artigo que confronta novas perspecti-vas teóricas no que diz respeito à semiótica do espaço, visto enquanto quadro da experiência vivida (secção *Ouvertures théoriques*) ; logo depois, três estudos que, dando conta de práticas de vida (N. Fernandes) ou de produções, umas, picturais (M. Bogo e J. Pondian), outras midiáticas (C. Alfeld), ilustram o caráter operacional de vários modelos oferecidos pela disciplina (*Analyses et descrip-tions*). Seguem o exame, rico de questões inéditas, de um clássico relativamente negligenciado de Greimas e seus colaboradores (*Rétrospective*, G. Ferraro) ; uma leve provocação, entre leitura da significação e apreensão do sentido estésico (*In vivo*, V. Martinez, M. Bogo) ; e para acabar uma reflexão crítica relativa às incertezas do tempo presente (*Bonnes feuilles*, F. Sedda).

É assim que o trabalho da equipe permanente da revista, representada na presente edição por três entre seus principais pilares intelectuais, J.-P. Petitimberty, G. Ferraro, F. Sedda, assim como por M. Bogo, N. Fernandes e C. Alfeld, é enriquecida pelos aportes de alguns entre seus *compagnons de route*, no caso, J. Fontanille, R. Nicolaï e S. Smith. Mas uma menção especial deve ser acrescentada a propósito da honra que nos faz o grande matemático Giuseppe Longo ao aqui estar conosco. Pode-se que, para um leitor apressado, a sua contribuição pareça, como se diz na escola, “fora do assunto”. A questão da mudança, longe de estar abordada diretamente, intervém explicitamente somente no decorrer de uma crítica (amplamente desenvolvida em outras obras¹) dos pressupostos da ciência tal como hoje se pratica majoritariamente. Para nós que defendemos uma semiótica ela mesma um tanto fora da norma, esse pleito a favor de uma abordagem nova, heterodoxa, é uma belíssima lição de antidogmatismo, de liberdade intelectual, de audácia e de criatividade. Mesmo que fosse só por isso, ela tem seu lugar — um lugar essencial — no panorama geral da nossa revista.

Eric Landowski

¹ Ver em particular G. Longo, *Le cauchemar de Prométhée. Les sciences et leurs limites*, prefácio de Jean Lassègue, posfácio de Alain Supiot, Paris, P.U.F., 2023.